

**OS CONTEÚDOS MIDIÁTICOS SOBRE PADRÕES DE
BELEZA PELA ÓTICA ADOLESCENTE: UMA PROPOSTA
DE ENSINO DE LEITURA INSTRUMENTAL CRÍTICA**
**Media Subjects on Body Image in the Teenagers's Point of View:
A Teaching Proposal of Critical Reading (ESP)**

Aline Provedel DIB (CEFET, Rio de Janeiro, Brasil)
Gisele C. Cohen FONSECA (CEFET, Rio de Janeiro, Brasil)

Abstract

This article analyzes an activity included in a group of pedagogical practices that aimed at the discussion about the construction of standardized concepts concerning beauty by the media. The interactions took place in an English classroom during the third quarter of 2007, in a senior high class of the Nursery course of a federal institution. We will present the students' answers to a questionnaire developed by a web site called MEDIA AWARENESS NETWORK when analyzing the data. The theoretical approach includes the voices of Bakhtin (2003) and Vygotsky (1973, 1998, 2001) and as research methodology we will follow the ethnographical method (Erickson, 1984, Moita Lopes, 1996).

Key-words: *ethnographical method; critical reading; media; beauty patterns.*

Resumo

Este artigo analisa uma atividade de um conjunto de práticas pedagógicas que tiveram por objetivo problematizar a construção dos conceitos padronizados de beleza veiculados pela mídia. As interações ocorreram em uma sala de aula de Inglês durante o terceiro bimestre de 2007 em uma turma de 3º ano do ensino médio/técnico do curso de Enfermagem de uma instituição federal. Na análise dos dados gerados, apresentaremos as respostas dos alunos às perguntas de um questionário desenvolvido pelo site MEDIA AWARENESS NETWORK. Utilizamos como aporte teórico as vozes de Bakhtin (2003) e Vygotsky (1973, 1998, 2001) e, como metodologia de pesquisa, a etnografia (Erickson, 1984, Moita Lopes, 1996).

Palavras-chave: *pesquisa etnográfica; leitura crítica; mídia; padrões de beleza.*

1. Introdução

O contexto escolar é palco de diversas práticas discursivas que, na maior parte das vezes são deixadas de lado devido a uma obrigação institucional de cumprimento de uma agenda conteudista não flexível. A riqueza de movimentos existentes nas salas de aula e o repertório de significados construídos nesse ambiente por seus participantes precisam ser problematizados para que os alunos alcancem uma leitura crítica e uma conscientização a respeito desses significados e possam, a partir daí, de forma autônoma, *olhar para o mundo* mais atenta e criticamente.

Este artigo analisa uma atividade de um conjunto de práticas pedagógicas que tiveram por objetivo problematizar a construção dos conceitos padronizados de beleza veiculados pela mídia. As interações ocorreram em uma sala de aula de Inglês durante o terceiro bimestre de 2007 em uma turma de 3º ano do ensino médio/técnico do curso de Enfermagem de uma instituição federal.

Fizemos uso do conceito de questionamento, segundo Gallimore & Tharp (1996), como uma *problematização*, isto é, perguntas que levem à reflexão com o objetivo de provocar uma operação mental, uma nova perspectiva e auxiliar uma resposta cognitiva e lingüística ativa. O questionamento opera como uma atividade mediada e foi instrumentalizada com o questionário desenvolvido pelo site MEDIA AWARENESS NETWORK¹ que possui como foco a discussão de temas expostos na mídia, dentre outros, os padrões de beleza, de forma a auxiliar na formação de um leitor crítico.

A análise desse instrumento de mediação visa identificar sua influência no desenvolvimento das funções psíquicas superiores teorizadas por Vygotsky (1987) que diz que “todas as funções mentais superiores são processos mediados” (*apud* Daniels, 2003:67).

A principal pergunta a ser respondida seria, então: *Qual a influência do elemento mediador utilizado no desenvolvimento da leitura crítica dos alunos no que tange aos padrões de beleza?*

¹ www.mediaawareness.ca

A fim de responder a pergunta supracitada utilizaremos como aporte teórico as vozes de Bakhtin (2003) e Vygotsky (1973, 1998, 2001), que contribuiram para a inteligibilidade sobre os dados gerados. Em seguida, descreveremos a metodologia utilizada para a análise desses dados, o contexto onde a pesquisa se deu, a análise em si e nossos encaminhamentos.

Nossa motivação ao contemplar o tema padrões de beleza se deu em decorrência dos apelidos usados pelos alunos para se referirem uns aos outros, os quais sempre têm uma referência a aspectos físicos destes, geralmente negativos. Apesar de alguns não levarem a sério, a maioria se mostra constrangida. A reação dos alunos tem sido a de responder com outro apelido tão ou mais ofensivo. Com isso, forma-se uma cultura de desrespeito que nunca foi observada pelos alunos de forma crítica. Ao aprofundar um pouco mais a discussão, pode-se perceber que outros aspectos de nossa cultura se constroem dessa forma e se estabilizam sem que sejam problematizados.

Sentimos que nosso papel de educadoras não estaria coerente com nosso pensamento a respeito da educação se deixássemos esses questionamentos sem possibilidade de resposta. Além disso, o momento para tais problematizações mostrou-se propício devido ao acontecimento da Feira de Enfermagem que anualmente apresenta, na prática, alguns temas contemplados nas aulas teóricas do curso. Cada turma fora encarregada de abordar um tema proposto pelos docentes de Enfermagem. A turma, foco desta pesquisa, deveria desenvolver um projeto acerca das diferenças entre homens e mulheres. A partir daí, com a colaboração da professora de Enfermagem da turma e com nossos questionamentos em mente, propusemos um trabalho interdisciplinar conjugando os dois contextos: a atividade proposta pelo site e o trabalho dos alunos na Feira.

2. Aporte teórico

2.1. As contribuições de Bakhtin e Vygotsky

Bakhtin (2003) ao dizer que *ser* significa comunicar-se de forma dialógica reforça a idéia sobre a importância do outro na produção do

conhecimento. O conhecimento seria o produto da interação social e limitada pela atitude responsiva do outro, ou seja, “o ouvinte, ao compreender o significado do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele, completa-o, aplica-o, prepara-se (...)”. Sem essa relação de alteridade, não existiria a língua por ser esta produto da interação significada pelo enunciado (cf. Bakhtin, 2003:271).

Além disso, o discurso, resultado da interação social, é altamente influenciado pelas vozes sociais, ou *ecos*, nos levando ao conceito de heteroglossia que vê o indivíduo como pleno de palavras dos outros. Essas palavras refratam e refletem o mundo sofrendo o efeito desse mesmo universo, uma vez que são signos compostos por seus ecos e, por isso, nunca neutros. Todo enunciado emerge de um contexto repleto de valores e significados (cf. Faraco, 2003).

Consideramos os dados gerados como inseridos numa perspectiva discursiva e dialógica, ou seja, bakhtiniana, mas também levando em conta as contribuições de Vygotsky (1973, 2001). Esse autor aponta que a linguagem exerce um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, pois, a partir dela, assimila a experiência histórica, tornando-se um ser social. O indivíduo desenvolve-se, então, não apenas interagindo com o meio, mas também em grupo, no intercâmbio das idéias. Essa visão de linguagem corrobora a visão bakhtiniana de discurso que entende a língua não isoladamente, mas como parte de um evento social de interação verbal. Para ele, a palavra é o signo ideológico por excelência. A linguagem seria, então, uma forma de prática social, implicando em uma relação texto/contexto, uma relação dialógica, na qual criamos sentido, produzimos significado sobre o que falamos e escrevemos (Bakhtin, 2003).

Seguindo essa linha de pensamento, Vygotsky (2001) aponta para a mudança do velho paradigma pedagógico da transmissão e sua substituição por um novo que visa à autonomia do aluno em relação a seu próprio processo educacional, tornando-o capaz de buscar e utilizar seus próprios conhecimentos. Esta autonomia seria, na visão vygotkiana, a educação que leva ao desenvolvimento. Nesse novo processo, o professor passaria de mero transmissor de conteúdos para

um organizador do meio social (cf. Vygotsky, 2001). Alinhamo-nos à idéia vygotskiana de uma educação mediada e transformadora.

2.2. A escola como espaço de construção dialógica

Utilizamos o questionamento como instrumento de mediação no desenvolvimento da leitura crítica, por entendermos a escola como espaço de construção dialógica e, por ser esse um contexto capaz de se tornar um espaço de negociação e contestação de conteúdos transmitidos por diversos meios, principalmente o midiático. Como resultado, teríamos a formação de cidadãos conscientes de seu papel nesse processo de construção e desconstrução de identidades que dariam início a uma mudança em suas próprias práticas discursivas e nas práticas discursivas de sua comunidade (cf. Fairclough, 1992).

Para Santos & Fabrício (2006) no âmbito brasileiro do ensino de língua estrangeira, surgiu a necessidade de uma educação que encorajasse os alunos a desafiar as verdades hegemônicas contribuindo para a construção de novos paradigmas em relação à redução do preconceito, da discriminação e do desequilíbrio social. Como resultado, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 2000). Os PCN propõem um desenvolvimento crítico através de um currículo que, entre outras coisas: a) ajude os alunos a entenderem que o conhecimento é construído socialmente e que reflete as experiências, crenças e valores de quem o constrói; b) demonstre como pressupostos sobre identidades hegemônicas são efeitos de práticas situadas, que variam de acordo com especificidades sócio-culturais de diversos contextos históricos e; c) questione estereótipos que constroem visões dicotômicas sobre identidades.

Propomos, com a presente pesquisa, uma problematização de conceitos hegemônicos sobre o *belo* a fim de ajudar os alunos a perceber, com o desenvolvimento da capacidade de estabelecer relações entre os conteúdos visitados, que esses conceitos não são dados *a priori* e sim construídos e localizados socialmente, culturalmente e historicamente.

Na contemporaneidade, a mídia é tida como produtora e mantenedora dos conceitos hegemônicos de naturezas diversas. Discutiremos a seguir, como isso ocorre, porém, em associação com o contexto escolar.

2.3. O discurso midiático

A mídia tem sido responsável pela composição de grande parte do repertório de significados que os alunos trazem para o contexto escolar criando, segundo Bezerra Jr (2002), certos ideais, valorizando modelos de pensamento em detrimento de outros e propagando certos repertórios de sentido. Reforçando essa visão, Wodak (2001) diz que as estruturas dominantes estabilizam convenções naturalizando-as, pois os efeitos do poder e da ideologia na produção desses significados fazem com que estes sejam tidos como *dados*. Em outras palavras, a linguagem utilizada na produção desses significados não exerceria poder por si só: ela se tornaria poderosa pelo uso que pessoas em posição de destaque fazem dela (cf. Wodak, 2001).

Em relação aos padrões de beleza, a mídia, através de seus diversos meios – jornais, revistas, emissoras de TV – tem imposto um padrão reconhecidamente associado à magreza, juventude, status social e até qualidades morais, conceitos que acabam por ecoar nos discursos dos alunos. Apesar da mídia dizer-se neutra e desinteressada não é isso o que acontece (cf. Wodak, 2001). Posicionamo-nos de forma a problematizar com os alunos os conceitos midiáticos de padrões de beleza na tentativa de ajudá-los a tirar suas próprias conclusões, a começar por um olhar mais *apurado* para esses conceitos. Caso possamos contribuir com a iniciação de um processo de desestabilização, nossa atuação no contexto onde a pesquisa foi desenvolvida já será recompensada.

3. Metodologia e contexto de pesquisa

Ao levar em conta o contexto social e o ponto de vista dos participantes nas análises de um processo de prática social discursiva

seguiremos o método etnográfico de investigação (Erickson, 1984; Moita Lopes, 1996). Tal enfoque, caracteriza-se pela inserção do pesquisador no contexto a ser pesquisado, na tentativa de responder dentre outras perguntas, sobre *o que está acontecendo neste context* .

A escola onde a pesquisa foi desenvolvida localiza-se em um município da Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escola de ensino médio/técnico e superior, que oferece, para o nível médio/técnico, os cursos de Informática, Enfermagem, Eletromecânica e Telecomunicações.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 3º ano do ensino médio/técnico de Enfermagem composta de 32 meninas e 4 meninos entre 16 e 19 anos. As aulas da turma, no decorrer do 3º bimestre, foram ministradas conjuntamente pelas professoras-pesquisadoras.

A disciplina Inglês focaliza o ensino da língua seguindo a abordagem instrumental com foco na leitura. As aulas são ministradas em 2 tempos semanais de 50 minutos cada. Os alunos têm acesso a uma apostila elaborada pelas próprias professoras da instituição que serve como base para as aulas, mas que também abre espaço para que o docente se utilize de outros materiais de acordo com as necessidades de cada prática.

Os dados foram gerados a partir das respostas dos alunos às perguntas (em Inglês) de um questionário produzido pelo site MEDIA AWARENESS NETWORK, cujo conteúdo não foi alterado. O questionário foi copiado no quadro por uma das professoras-pesquisadoras e, em grupos de 5/6 componentes, meninos e meninas debateram e formularam as respostas (em Português), que foram posteriormente entregues às professoras numa folha à parte. Os alunos não demonstraram maiores dificuldades com o vocabulário em inglês apresentado nas questões e utilizaram as estratégias de leitura e a colaboração dos colegas de grupo para compreender o texto.

Ao dividirmos a turma pela ordem da lista de chamada, sentimos um certo desconforto inicial pela novidade, pois os alunos, até então, escolhiam os componentes dos grupos para este tipo de atividade. Porém, logo os alunos se entrosaram e discutiram as perguntas com motivação,

além de percebermos que o grau de negociação foi bem maior devido à flexibilidade e contemporaneidade do tema.

4. Análise dos dados

Para a análise dos dados gerados, apresentaremos as respostas dos alunos às perguntas do site MEDIA AWARENESS NETWORK, que abordam a importância da sociedade na construção de um ideal de imagem corporal, a problematização sobre a responsabilidade pela veiculação desses ideais, assim como, procuram historicizar os conceitos de beleza vigentes, relacionando-os a diferentes culturas. Foram selecionados alguns excertos para a análise, que passamos a descrever a seguir.

A primeira pergunta - *Why do you think there is so much focus in our society on body image?* - gerou as seguintes respostas dos grupos:

Grupo 1 – Por que a imagem do corpo é algo que chama muito a atenção das pessoas. A imagem do corpo não é destinada a um único público alvo isolado. Seu poder sensual é muito chamativo para todas as pessoas.

Grupo 2 – Devido ao fato de nós seres humanos termos adquirido o padrão de beleza do mundo da moda (que foca mostrar as roupas e não o corpo), isso se tornou uma obsessão, ou seja, nosso objetivo principal é se tornar igual a eles, por isso a mídia (televisão, revistas, etc.) foca tanto essa beleza.

Grupo 3 – Porque se definiu um padrão de beleza no qual todos devem seguir, isto é, todos devem ser/ter magros, altos, belos cabelos, preferencialmente lisos. Enfim a sociedade atual reprimiu alguns sentimentos e valores, tornando-se altamente materialista.

Grupo 4 – Pela influência da mídia, porque ela “impõe” um tipo de beleza e a sociedade aceita. Por causa do dinheiro, uma boa imagem lucra bastante e atrai bastante atenção. Porque é uma sociedade preconceituosa.

Grupo 5 – Por causa que a mídia (revistas, televisão, etc.) impõe um padrão de beleza dado como o certo, e a sociedade adota este padrão.

Grupo 6 – Porque o ser humano está extremamente ligado a aparência. Uma boa aparência faz com que as pessoas sejam bem vistas pela sociedade, elas arranjam emprego mais facilmente, etc.

Os grupos, de forma geral, mostraram-se conscientes da relação existente entre sociedade e imagem corporal/padrão de beleza. A pergunta possui o pronome *you* para personalizar as respostas, mas não surte o efeito esperado, pois os grupos usam termos generalizantes em suas respostas, tais como: *todos*, *ser humano*, etc.

O grupo 1 expõe sua opinião sem problematizá-la, como se fosse um fato imutável e faz uso das construções *é*, *não é* como forma de ressaltar a veracidade da resposta. Além disso, parece ser apenas eco de outras vozes uma vez que generaliza ao empregar termos como *a atenção das pessoas* e *para todas as pessoas*.

O grupo 2, por sua vez, posiciona-se como parte do problema ao utilizar os pronomes *nós* e *nosso* e ainda problematiza o fato dos padrões de beleza estarem se tornando uma obsessão. Já o grupo 3, critica a sociedade atual e a definição de padrões, mas não nomeia os “responsáveis” pela definição desses padrões. Por outro lado, o grupo ressalta as conseqüências dessa padronização do belo para a sociedade: o desenvolvimento do materialismo em detrimento de valores e sentimentos. Esta visão da sociedade parece evidenciar um questionamento dessas conseqüências, ou seja, uma leitura crítica desse conteúdo.

Os grupos 4 e 5 utilizam o termo *mídia*, que não havia sido utilizado nos encontros anteriores, para definir de onde vem a imposição de certos valores relacionados à imagem corporal que são, segundo eles, aceitos sem questionamentos. Os grupos usam as frases “*a sociedade aceita* (grupo 4)” e “*a sociedade adota* (grupo 5)” para manifestar a obediência dos membros dessa sociedade frente a uma mídia tão influente. O grupo 4 coloca ainda, que o preconceito da

sociedade contribui para que esse foco na imagem corporal seja tão intenso, mas não explica o que entendem por preconceito.

Por último, o grupo 6 explica o foco na imagem corporal como uma característica do ser humano que se reflete no convívio em sociedade ao trazer para os portadores dessa boa aparência, recompensas tais como, uma boa posição social.

A segunda pergunta - *Where does our notion of an “ideal” body come from?* - resultou nas seguintes contribuições:

Grupo 1 – Simplesmente da sociedade que vivemos. Esta nos influencia a um padrão de beleza já definidos.

Grupo 2 – A idéia de corpo ideal masculino é originária da cultura greco-romana, já (...) em relação ao corpo feminino vem mudando ao longo do tempo sob influência da mídia (televisão, revistas, etc.).

Grupo 3 – A idéia de um corpo ideal veio se modificando através dos tempos. Atualmente a mídia influencia fortemente na definição do padrão de beleza, ou seja, um “corpo perfeito”. Através da televisão, da internet, de revistas, jornais e etc.

Grupo 4 – Da classe social mais elevada. Vem dos concursos de beleza que são divulgados pela mídia. Por exemplo, percebe-se que nas capas de revistas têm-se um tipo de beleza freqüente e isso também se reflete na televisão, em jornais e principalmente a internet.

Grupo 5 – Da mídia que de certa forma rotula as pessoas fora desse conceito de corpo ideal.

Grupo 6 – É influenciado pelas culturas antigas (deuses gregos, por exemplo) e o veículo para tais influências é a mídia (televisão e revistas, principalmente).

As respostas dos grupos – 2, 3, 4 e 6 - refletiram encontros anteriores, no qual os alunos foram expostos a fotos e figuras (em slides) da moda através dos tempos desde a Idade Média até os dias de hoje.

Também tiveram contato, por meio de transparências, com os concursos de Miss Brasil da década de 60 e das mulheres – girafa da Tailândia.

Este reflexo pode ser percebido pelos enunciados : “*A idéia de corpo ideal masculino é originária da cultura greco-romana / em relação ao corpo feminino vem mudando ao longo do tempo*” (grupo 2), “*A idéia de um corpo ideal veio se modificando através dos tempos*” (grupo 3), “*Vem dos concursos de beleza*” (grupo 4), e “*É influenciado pelas culturas antigas (deuses gregos, por exemplo)*” (grupo 6).

Com exceção do grupo 1, todos os outros continuam a citar a mídia como responsável por veicular e definir os padrões de beleza. O grupo 5 vai um pouco além e culpa a mídia também pelos rótulos associados às pessoas fora do conceito de corpo ideal. Nenhum dos grupos se posicionou como co-responsável pelos ideais impostos, o que pode ser interpretado como falta de um questionamento mais aprofundado sobre o tema, pois como percebemos nos outros encontros, essa foi a primeira vez que os alunos foram convidados a participar desse tipo de discussão. Diante das respostas anteriores, os alunos parecem oscilar entre a leitura crítica do tema ao associarem o que foi construído nos encontros prévios e a reprodução de vozes sociais.

A pergunta 3 - *Why do we think we should look a certain way?* - procura através do pronome *we* personalizar as respostas aproximando-os do problema a fim de questioná-lo a partir de um olhar mais contextualizado. As respostas dos alunos convergem para a idéia da aceitação, por parte da sociedade, daqueles que seguem o padrão estabelecido: “*Para termos uma boa aparência que faça com que as pessoas nos olhem com bons olhos*” (grupo 1), “*Para obter a aceitação da sociedade e uma boa apresentabilidade*” (grupo 2). O mesmo grupo 2 acrescenta que a consequência para quem não é aceito é a exclusão. O grupo 3 apresenta uma leitura mais crítica e através da frase “*Porque nós nos deixamos dominar pelas imagens de beleza ideal expressadas pela mídia*”, se posiciona como responsável pela falta de atitude no combate a essa dominação. O grupo 4 mostra que essa imposição não é recente, e os grupos 5 e 6 apontam para o preconceito presente na sociedade como estabilizadora dessa classificação pela aparência.

Apesar de bem direcionada, a pergunta 3 faz com que os grupos 4 e 5 mantenham um discurso generalizante ao utilizar os termos *a sociedade e as pessoas*.

Grupo 1 – Para termos uma boa aparência que faça com que as pessoas nos olhem com bons olhos, e ousar dizer também para conseguirmos algumas oportunidades na vida.

Grupo 2 – Para obter a aceitação da sociedade e uma boa apresentabilidade, e não ser considerado excluído, ou seja, fora do padrão imposto pela sociedade.

Grupo 3 – Porque nós nos deixamos dominar pelas imagens de beleza ideal expressadas pela mídia, televisão, internet e etc.

Grupo 4 – Porque a sociedade de uma forma geral aceita os conceitos de beleza “impostos” pela mídia. E isto ocorre durante anos.

Grupo 5 – Pois a sociedade adota como padrão, essa forma corporal que é dito como certo despertando assim preconceito as pessoas que não seguem esse padrão.

Grupo 6 – Na sociedade atual, a pessoa é classificada pela aparência. Logo, para sermos aceitos na sociedade, que é naturalmente preconceituosa, devemos ser o que eles desejam ver.

A penúltima pergunta do questionário - *How does the ideal image of a woman's body differ in other cultures? In other historic times? How does this compare to the ideal image of a man's body?* - por possuir sub-perguntas foi a que mais “exigiu” dos alunos. Ao circular pelos grupos, os componentes solicitavam-nos expondo suas apreensões quanto ao conteúdo das respostas. Tentamos tranquilizá-los lembrando-os do objetivo da atividade que era saber a visão deles sobre o tema exposto e não avaliar seus conhecimentos históricos. A partir daí, a questão foi desenvolvida, porém foi a que certamente levou mais tempo para ser feita, pois os alunos tiveram que, a partir das opiniões dos colegas, elaborar uma resposta única. Como poderá ser notado a seguir, as respostas foram extensas.

Grupo 1 – Cada lugar do mundo tem o seu padrão, mas na maioria dos lugares as diferenças são muito poucas. A cultura e o momento histórico na qual está se passando também influenciam, pois a moda busca inspiração nestes fatores históricos e culturais.

Grupo 2 – Diferentemente de hoje em dia (em que a mulher deve ser extremamente magra), antigamente eram valorizadas as curvas e a forma de se vestir também era diferente. O homem era valorizado pela estrutura física (seu porte atlético) já hoje em dia uma imagem ideal seria um corpo definido, aparência moderna dentre outras coisas.

Grupo 4 – Na cultura ocidental (Europa e América) o padrão de beleza é definido igualmente pelos diversos meios de comunicação (televisão, internet, jornais). Já em outras sociedades mais afastadas o “padrão de beleza” já havia sido definido há muitos anos, em alguns casos são culturas milenares.

Grupo 5 – O padrão de beleza difere em cada cultura, às vezes de forma inusitada. Coisas que achamos improváveis em nossa sociedade são consideradas normais em outras. Por exemplo, as mulheres girafas da Tailândia chegam a serem cômicas no Brasil. Apesar de ocorrer com menos intensidade, isto também serve para a imagem corporal masculina.

Grupo 6 – As “mulheres-girafa” (na Tailândia) são um exemplo marcante de como as exigências do padrão de beleza são relativas entre as diferentes sociedades. Em outras épocas, as formas do corpo ideal eram diferentes e a moda também. O que para nós hoje é “brega” eram padrões daquelas épocas. Já o ideal de corpo masculino não mudou muito, o que mudou foi a forma de se vestir. Antigamente, usar bermudas e camisetas era inaceitável. As roupas também se diferem de país para país. Em alguns lugares (Escócia, por exemplo) os homens vestem saias. Já no Brasil isso é considerado “anormal”, fora do cotidiano.

As observações históricas feitas pelos estudantes mostraram-se pertinentes para validar os pontos salientados por eles. Mais uma vez, é

possível notar o reflexo das atividades desenvolvidas anteriormente através da historicização feita por eles. O grupo 1 ressalta a construção cultural e histórica dos padrões de beleza mostrando que a leitura deles foi modificada ao longo da atividade, pois ao perceberem a influência da cultura e do momento histórico parecem ter acrescentado outros elementos à construção padronizada de beleza que anteriormente era apenas influenciada pela sociedade.

Por sua vez, o grupo 2 estabelece um contraponto entre a atualidade e “antigamente” demonstrando uma visão da flexibilidade de conceitos tidos como hegemônicos, mas não aplicam essa mesma visão para tempos futuros o que viria a contribuir para uma desconstrução dos padrões atuais relacionados ao *belo*.

O grupo 4 divide em cultura ocidental e “*outras sociedades mais afastadas*” os locais onde as imagens corporais diferem. Na visão desse grupo, as culturas ocidentais são influenciadas pela mídia e as outras culturas *milenares* não seriam influenciadas por esse mesmo veículo, pois seus padrões já foram demarcados há tempos.

O grupo 5 atenta para o inusitado nas diferenças culturais entre os povos, como por exemplo, na Tailândia e no Brasil. O grupo 6, por outro lado, estabelece uma relação mais profunda entre diferentes sociedades usando os exemplos das outras aulas para fundamentar seus argumentos em um exemplo claro de heteroglossia. Outro ponto interessante a ressaltar, é a presença do caráter contextual na fala desse grupo, ao utilizar a sentença “*As “mulheres-girafa” (na Tailândia) são um exemplo marcante de como as exigências do padrão de beleza são relativas entre as diferentes sociedades*”, o grupo sugere um olhar mais crítico para as diferenças entre os padrões de beleza relacionando-as a suas culturas evitando conceitos supremos e imutáveis.

Na última pergunta - *Who controls what images we see?* - os grupos se igualam nas respostas, mais uma vez, nomeando a mídia como responsável pelo controle das imagens às quais somos expostos. A mídia é citada em suas diferentes formas – TV, revistas, jornais, outdoors – para salientar o efeito dominador dessa estrutura midiática presente em diversas esferas de nosso cotidiano.

5. Encaminhamentos

Conforme dito anteriormente, apesar dos alunos mostrarem consciência das relações existentes entre sociedade, mídia e padrões de beleza, os componentes dos grupos em geral não se posicionaram como responsáveis ou co-responsáveis por essas relações.

Por outro ângulo, pudemos notar que os alunos se questionaram a respeito do tema proposto e negociaram, a todo momento, suas opiniões com seus colegas. O resultado exposto pelos alunos aqui não demonstra totalmente a atividade como ocorrida em classe, que foi mais dinâmica e participativa, mas reforça o compromisso dos alunos com a pesquisa, alimentando nosso desejo de continuar a gerar elementos que aprofundem ainda mais a leitura crítica dos alunos em relação ao tema padrões de beleza e a outros que se mostrem motivadores de discussão.

Ao analisar o questionamento como elemento de mediação, propusemo-nos a fazê-lo com o intuito de perceber como o discurso dos alunos reproduz as diversas vozes que se entrecruzam através de crenças e valores identitários desses alunos em relação ao tema beleza. E, ao mesmo tempo, mediar através das perguntas do questionário esse discurso a fim de levar a uma leitura crítica dessas percepções.

Para dar continuidade a esta pesquisa, nosso próximo passo será discutir com os alunos suas contribuições, apresentadas neste artigo, a fim de ouvir suas impressões acerca das atividades realizadas, assim como as possíveis mudanças ocorridas em relação aos apelidos utilizados por eles para se referirem aos colegas.

Por fim, melhor do que nossas próprias palavras, acreditamos que o texto seguinte, produzido por uma aluna ao final do último encontro, medeia nossa visão sobre a importância desta pesquisa para o contexto no qual atuamos.

“Estamos vivendo um momento onde acreditar em si já não é mais válido. Não temos nossa liberdade de fato, pois não somos o que queremos e sim o que outrem nos impõem indiretamente. Hoje em dia ser o ser simplesmente é uma verdadeira batalha

selvagem, onde vence o que tem, duvidosamente “boa pinta”. Valores sinceramente, idiotas, vêm transformando aos poucos seres humanos em reles criaturas medíocres, que vivem em função de uma boa aparência para conquistar a simpatia de outros tão medíocres quanto estes. Não é difícil encontrar pessoas rotulando e “quebrando a cara” quando realmente conhecem outras a fundo. A aparência é fundamental para quem acha que é. Nós devemos nos sentir bem do jeito que desejarmos, não como tais entidades manipuladoras e ditadoras de regras corporais querem que sejamos. Esses ditadores de moda passam uma imagem insensível para quem vê, pois se preocupam apenas com a personificação em massa da idéia de pessoa perfeita que têm. Não dá para saber que é pior, se são estes ou os que caem nessa armadilha comercial e altamente capitalista. As pessoas vão se tornando consumistas e gastam o dinheiro a cada tendência lançada nos desfiles de moda, onde as estrelas são as feias e magrelas modelos, anoréxicas e deprimidas. Quando a questão é saúde, manter a massa corporal adequada e comer bem só traz benefícios, afinal, não queremos ver a população morrer em conjunto por conta de veias entupidas, ou então, de anemia, que podemos ter como exemplo nossas, ironicamente, lindas modelos. Temos que tomar consciência de nosso valor. Podemos conquistar as pessoas e até o mundo talvez, mas tudo isso com a nossa inteligência, com nossas virtudes, com nossas ações. Nós somos nós, o corpo é apenas um pote onde estamos guardados. Se comprarmos um pote barato e feio e colocamos dentro deliciosos biscoitos, o que realmente importa nesse conjunto.” Luciana (nome fictício)

Recebido em: 01/2008; Aceito em: 07/2008.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. 2003 *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes.

- BEZERRA JR, B. 2002 O ocaso da interioridade. IN: C.A PLASTINO (org.) 2002 *Trangressões*. Contracapa.
- BRASIL 2000 *Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Ensino Médio*. Disponível online em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 06 jun 2008.
- DANIELS, H. 2003 Teoria vygotskiana e educação. IN: H. DANIELS 2003 *Vygotsky e a pedagogia*. Trad. Milton Camargo Mota. Loyola.
- ERICKSON, F. 1984 What makes school ethnography ethnographic? *Anthology and Education Quarterly*, **15**.1: 55-66.
- FAIRCLOUGH, N. 1992 *Discourse and social change*. Polity Press.
- FARACO, C.A. 2003 *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Criar.
- GALLIMORE, G. & THARP, R. 1996 O pensamento educativo na sociedade: ensino, escolarização e discurso escrito. IN: L.C. MOLL (org.) 1996 *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Artmed. pp. 171-199.
- MOITA LOPES, L.P. 1996 *Oficina de Linguística Aplicada*. Mercado das Letras.
- SANTOS D. & FABRÍCIO B. 2006 The English lesson as a site for the development of critical thinking. TESL- EJ. TESL- EJ (Teaching English as a Second or Foreign Language). *Eletronic Journal*, 10/ 01: 01-23. Disponível online em: <http://tesl-ej.org/ej38/a1b.pdf>. Acesso em: 06 jun 2008.
- VYGOTSKY, L . 1973 *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual em idade escolar*. Estampa.
- _____ 1987 *Formação social da mente*. Martins Fontes.
- _____ 1998 *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Martins Fontes. Capítulo 5. pp. 77-95.
- _____ 2001 A psicologia e o mestre. IN: L . VYGOTSKY 2001 *Psicologia pedagógica* Tradução de Paulo Bezerra. Martins Fontes. Capítulo XIX. pp 445-464.
- WODAK, R. 2001 What is CDA about – a summary of its history, important concepts and its developments. IN: R. WODAK & M. MEYER (orgs.) 2001 *Methods of Critical Discourse Analysis*. Sage Publications. pp.1-13.

Aline Provedel Dib holds an MA in Applied Linguistics from Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). She has been teaching English at CEFET-RJ since 2005. alinedib@yahoo.com.br

Gisele Cristina Cohen Fonseca is majoring in Applied Linguistics (MA) at Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). She has been teaching English at CEFET-RJ since 2005. gicohen0501@yahoo.com.br